

Não, ao contrário do que muito se publicou e disse, não foram os 10-0 do Benfica ao Nacional, que me levaram a escrever mais esta reflexão sobre a importância e o valor da vitória e da derrota. Nem sequer foi o triste facto de um pai num jogo de futebol juvenil ter entrado no campo para agredir dois jovens da equipa adversária.

Nunca na minha vida, como agora aqui na Madeira, as circunstâncias me tinham levado a reflectir tanto sobre este assunto. É enorme o manancial de inspiração, que esta minha vivência aqui na Madeira, me tem proporcionado para abordar, sobre várias perspectivas este tema, como por exemplo o que leva uma criança no fim do jogo de minibásquete a chorar porque perdeu o jogo, e outras da mesma equipa não choram?

Falou-se muito, que os profissionais e reforço profissionais do Benfica não deveriam ter humilhado daquela maneira outros profissionais, o que me conduz a outra pergunta. O que leva um treinador, esquecendo-se que para isso está a utilizar jovens e crianças, ter comportamentos, em que o seu objectivo pessoal é humilhar o adversário?

O que leva um treinador, que está a vencer por mais de 150 pontos, guardar os seus dois descontos de tempo para a poucos segundos do fim os utilizar para reforçar a humilhação? Pedir descontos de tempo nesses momentos é ilegal, não, não é, mas será ético?

O que leva um treinador ensinar os seus jovens jogadores a mentirem e a dizerem ao árbitro quando a bola vai fora: “ É minha”, com a justificação quem está lá para decidir é o árbitro?

O que é que estes comportamentos têm de educativo, quando logo a seguir se concorda ou afirma, que o desporto infanto-juvenil deve ser uma escola de valores e virtudes para a vida.

Estas e muitas outras questões relacionadas com este tema bailam, no final de cada domingo após as jornadas dos convívios de minibásquete, na minha cabeça. Não peço a outras pessoas, nada que eu próprio não dê o exemplo, e como tal aqui na Madeira, tenho arbitrado muitos jogos de minibásquete, nomeadamente os de Mini-8 e aqueles em que as crianças e jovens se estão a iniciar na modalidade.

Este simples facto permite-me levantar mais uma questão para reflexão. Porque é que as crianças, que se estão a iniciar na modalidade são de um modo generalizado de enorme honestidade, honestidade essa, que com o decorrer dos anos vai desaparecendo? Que influencia tem os treinadores ou os pais nessa mudança de atitude? A minha longa experiência no ensino da modalidade permite-me parafrasear uma célebre frase e dizer que há mais vida, e tem de haver valores, para além da importância da vitória e da derrota. Se conseguir levar alguém, nem que seja apenas uma pessoa, a reflectir no que acabo de dizer, já valeu a pena ter escrito mais este artigo.